ESTARIA QUEBRADO O SAPATINHO DE CRISTAL? UMA VIAGEM PELOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Emanuely Cristina de Souza Nascimento[1]
Rute Pereira Alves de Araújo [2]

Neste trabalho, apresento algumas reflexões obtidas por meio de uma pesquisa realizada no contexto de um estágio supervisionado pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O mesmo versa sobre a contação de histórias, tendo como foco os contos de fadas e sua relevância nas práticas pedagógicas com crianças da Educação Infantil. A literatura para crianças é, segundo Cavalcanti (2002, p. 39), "espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno de sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético". Nesse sentido, contar histórias da literatura infantil para crianças é oferecer o deleite na arte e permitir que elas vivam as suas infâncias de maneira plena, tendo posição contrária a explorar as histórias a partir de um viés pedagógico e moralizante. Foi pensando em proporcionar essas experiências com contos de fadas que o trabalho realizado objetivou identificar como as crianças recepcionavam os contos de fadas no momento da contação de histórias. Esses contos foram as primeiras histórias escritas para crianças, além de já serem, desde muito antes, contadas oralmente. Com tudo isso, essa literatura não pode ser esquecida. Existe um motivo para que esses contos perdurem até hoje e para que sejam lidos para ou pelas crianças, pois são contos perenes, que tratam de temas que trazem identificação para as crianças, além de permitir que elas se maravilhem, se deleitem e criem em seu imaginário diversos pensamentos próprios da infância. Como afirma Abramovich (1997), esses contos falam de medos, do amor, da dificuldade de ser criança, de carências, de autodescobertas, perdas e buscas. Assim, torna-se de suma importância não deixar que "o sapatinho de cristal quebre" e manter viva a tradição do uso dos contos de fadas na escola, pois eles são extremamente benéficos para o desenvolvimento integral dos sujeitos. A pesquisa apresentada é de natureza qualitativa, visto que não tem como objetivo apenas quantificar resultados, mas sim, compreender os dados obtidos a partir da realidade investigada (Minayo, 2009). O tipo de investigação foi a de pesquisa intervenção, com base em Salustiano (2006, p. 48), pois "possibilita examinar criticamente tanto da teoria

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande. Foi bolsista do PET Pedagogia. emanuelysouza58@gmail.com
[2] Professora doutora da Universidade Federal de Campina Grande. ruttycoro@gmail.com

quanto da prática que ela inspira", adequando-se ao *locus* da investigação. O público-alvo foram crianças de um grupo de 4 anos. Os instrumentos de coleta de dados utilizados consistiram em observação livre e entrevistas semiestruturadas (Triviños, 2006) para compreender a rotina e os trabalhos realizados com as crianças na instituição. Para os registros, foram utilizadas videogravações (Garcez; Duarte; Eisenberg, 2011), fotografias e notas de campo (Bogdan e Biklen, 1994). Neste trabalho, apresentarei uma das intervenções realizadas no estágio supracitado, na qual a história explorada foi a da Chapeuzinho Vermelho, a partir do texto original dos Irmãos Grimm. A instituição, *locus* da pesquisa, era bem-organizada, sofria com falta de recursos, mas conseguia gerir bem as verbas que conseguia e todo o corpo docente era empenhado em lutar por melhorias para a escola. Tratando das práticas pedagógicas, foi possível constatar que os docentes trabalhavam com base em práticas muito respeitosas tanto em relação às crianças como em relação à efetivação de seus direitos, inclusive o direito previsto nas DCNEI, que preveem que as instituições "Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos" (Brasil, 2010, p. 25). Havia uma grande diversidade de trabalhos com diversos gêneros literários na instituição, porém, os contos de fadas não eram trabalhados. Dessa forma, a prática foi muito relevante para o grupo. A contação da história foi realizada utilizando a prática de *cosplay*, modelo no qual a professora se veste de um personagem da história. Essa inspiração veio da autora Renata Junqueira, que indica em outras situações que a contadora de história se vista do personagem principal "para despertar a imaginação da criança, que também vai inferir a respeito da figura do narrador" (Souza, 2016, p. 54). As crianças se encantaram com a fantasia, mimetizando muitas expressões faciais de surpresa e falas como "Brinca comigo, Chapeuzinho?", "Vamos, agora você é o lobo e eu sou a Chapeuzinho, me dá a sua capa.". Elas riam, batiam palmas e se agitavam para me abraçar e tocar na fantasia. Tudo isso se alia com o que indica Souza (2016): que a partir dessa prática a criança já vai fazendo inferências acerca da história; além disso, criando e recriando diversas situações na mente, permitindo espaços para a imaginação e para a criatividade. A contação ocorreu na biblioteca, com o objetivo de criar uma expectativa maior acerca da proposta e de explorar os outros ambientes da instituição, ela também escolhida por ser lugar de encontro com os livros e com as histórias, tornando-se ideal para a proposta e para criar experiências positivas com o ambiente. Foram utilizados também palitoches, uma casinha que representava a casinha da vovó e um cenário de floresta. Durante a contação, utilizei sons

diferentes para a fala de cada personagem e também músicas como a do trecho “Pela estrada afora eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha, ela mora longe, o caminho é deserto e o lobo mau passeia ali por perto”. Após o término da contação, as crianças queriam muito pegar nos materiais e explorá-los, para isso, realizei uma roda de conversa, na qual eles também afirmaram que gostaram da história e que não conheciam aquele final, no qual o lobo morria com a barriga cheia de pedras. Isso pode se dar ao fato de que, na maior parte das versões resumidas, o lobo não come a Chapeuzinho e foge. Apresentei ainda os autores da história e falei de sua origem alemã, mostrando para eles no globo terrestre onde esse país se localizava. Apresentei também mais duas obras da história para despertar a consciência de que existem diversas versões de uma mesma narrativa. Dentro da cesta da Chapeuzinho tinham brigadeiros de erva cidreira. A escolha deste doce se deu devido ao projeto desenvolvido com a turma, unindo os doces da vovó ao projeto Plantas que Fazem Chá, que o grupo vinha desenvolvendo. Relembramos para que a erva cidreira servia e eles mostraram todos os seus conhecimentos sobre a erva, afirmando que servia para dores de cabeça, diarreia e outros. Um fato muito interessante foi que a partir dessa conversa as crianças começaram a dizer “estou com dor na barriga”, “estou com dor de cabeça”, o que demonstrou que estavam querendo comer o brigadeiro para “sarar”. Aproveitando esse momento de interesse, convidei-as para fazerem a receita desse doce e elas ficaram muito animadas. Exploramos o gênero receita antes do preparo da receita do brigadeiro, posteriormente fizemos juntos todos os passos da receita, cantando a música “borboletinha está na cozinha”. Quando todos os ingredientes estavam na panela, todas as crianças puderam mexer e cantamos a música “mexe, mexe, mexe, mexe”. Posteriormente, comemos os brigadeiros como forma de culminância de um dia recheado de atividades brincantes. A partir desse trabalho, podemos concluir que as crianças recepcionaram os contos de fadas de maneira muito positiva, que a vivência possibilitou muito mais espaço para a diversão, para a criatividade e para a magia de ser criança, e que é possível desenvolver práticas brincantes, que tragam interações, como indicam as DCNEI, atreladas a práticas de letramento na Educação Infantil.

Palavras-chave: Infâncias. Letramento. Práticas pedagógicas.

REFERÊCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. 5. ed. 2 reimp. São Paulo, Scipione, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. 1. ed. 4. reimp. São Paulo, Paulus, 2002.

FONTANA, Roseli. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo, Atual, 1997.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. **Produções e análises de videogravações em pesquisas qualitativas.** São Paulo, Educação e Pesquisa, v. 37, n.2, p. 249-262, mai./ago. 2011.

MINAYO, M; DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade.28. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

SALUSTIANO, D. A. **Nas entrelinhas da notícia:** jornal escolar como mediador do ensino- aprendizagem da língua materna.Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SOUZA, R. J. **Literatura Infantil e Primeira Infância:** políticas e práticas de leitura. Revista Fronteira Z, n. 17, dezembro de 2016.

TRIVINOS, Augusto Nibaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 14. reimp. São Paulo: Atlas, 2006.